vinetur

Viticultores da Occitânia exigem aumento de 10 a 15 cêntimos por garrafa

A subida dos custos da energia e da mão de obra deixou muitas vinhas sem rentabilidade, apesar de uma vindima normal em 2026, dizem os viticultores

quarta-feira, 18 de novembro de 2026



Os viticultores da região francesa da Occitânia exigem um aumento imediato de 10 a 15 cêntimos por garrafa, alegando que os preços atuais de mercado já não cobrem os custos de produção do vinho, após vários anos difíceis. A reivindicação foi debatida numa reunião realizada na segunda-feira, 16 de novembro, entre produtores e empresas que comercializam o vinho, enquanto os viticultores procuravam garantir condições que, dizem, são necessárias para manter muitas explorações financeiramente viáveis.

A iniciativa é liderada, em parte, por Fabien Castelbou, presidente da secção dos viticultores cooperativos da Occitânia, que afirmou que os produtores viram as despesas aumentar acentuadamente, enquanto os preços oferecidos pelo vinho continuam demasiado baixos. Segundo a France 3 Régions, os produtores dizem que a vindima de 2026 regressou a níveis normais, mas isso não se traduziu em preços capazes de restabelecer o equilíbrio económico nas explorações.

Castelbou afirmou que a diferença entre os custos de produção e os preços de venda se tornou mais difícil de suportar, à medida que a energia, a mão de obra e outros fatores de produção encareceram. Os viticultores defendem que um aumento moderado do preço por garrafa os ajudaria a recuperar parte da margem perdida. Consideram que, sem essa alteração, volumes de vindima normais não serão suficientes para resolver um problema de rentabilidade mais profundo em todo o setor.

A reunião de segunda-feira, 16 de novembro, centrou-se também nos acordos de sustentabilidade introduzidos no ano anterior. Castelbou afirmou que se pede aos produtores que cumpram normas ambientais e promovam mudanças a longo prazo nas práticas vitícolas, mas que esses esforços não são acompanhados por uma remuneração adequada. Defendeu que não faz sentido exigir mais em matéria de sustentabilidade se a própria economia básica da produção de vinho não for sustentável.

Para além de um aumento imediato dos preços, os viticultores propuseram mudanças mais abrangentes na forma como o vinho é vendido e valorizado. Castelbou afirmou que os produtores querem alargar os contratos interprofissionais plurianuais e melhorar a organização económica do setor, incluindo uma melhor gestão da oferta. O objetivo é

dar às explorações vitícolas maior previsibilidade quanto às receitas futuras e reduzir a pressão das negociações de curto prazo num mercado volátil.

A disputa é relevante para além das explorações agrícolas, pois está em causa a forma como as margens são repartidas ao longo da cadeia de abastecimento do vinho numa região de grande produção. Se os viticultores não conseguirem garantir melhores preços, a pressão poderá afetar o investimento, a produção e a estabilidade da oferta de vinho a longo prazo, com possíveis consequências para os preços das garrafas e para as condições de negócio no mercado mais amplo das bebidas. A questão reflete também um desafio mais abrangente para os produtores de bebidas alcoólicas na Europa, que procuram financiar o cumprimento das normas ambientais enquanto enfrentam preços apertados no retalho.

Castelbou afirmou que estão também em causa questões sociais. Alertou para o facto de a fraca rentabilidade já não ser apenas um problema económico das explorações vitícolas, mas também uma ameaça ao emprego e às comunidades rurais que dependem da viticultura. Segundo o seu relato, o recuo da atividade vitícola já está a causar danos mais amplos em algumas zonas da região, com a perda de postos de trabalho à medida que a produção diminui.

Relacionou também o declínio das vinhas com riscos ambientais na paisagem. À medida que as vinhas desaparecem e mais terrenos ficam sem utilização, afirmou, aumentam as áreas de pousio e o risco de incêndio. As vinhas podem funcionar como faixas de contenção do fogo e proporcionar pontos de apoio aos bombeiros em zonas rurais; por isso, o enfraquecimento do setor poderá ter consequências que vão além do rendimento agrícola.

Os produtores aguardam agora uma resposta dos comerciantes e das empresas de comercialização às propostas apresentadas na segunda-feira, 16 de novembro. Castelbou afirmou que os viticultores esperam receber respostas antes do final de novembro. Alertou que, se as negociações falharem, alguns produtores poderão deixar de operar e poderão realizar-se novas manifestações. Por enquanto, os viticultores dizem continuar a acreditar que é possível chegar a um acordo, mas querem que propostas concretas de preços cheguem rapidamente aos produtores.